

Editorial

Este número especial da Revista Ambiente Construído – Avaliação Pós-Ocupação (APO) traz seis artigos sobre este tema. Três deles destacam pesquisas voltadas ao estudo de caso – habitação de interesse social – em Porto Alegre e em São Paulo, sobre o qual existe uma quantidade muito expressiva de estudos em APO realizados no país. Neste sentido, é importante destacar o interesse relevante e o apoio por parte de agências de fomento como a FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos) e a da Caixa Econômica Federal.

Os outros dois, demonstram um interesse mais recente – mas não menos importante – de aplicação da APO em edifícios de escritórios e ambientes administrativos de trabalho, face à acelerada transformação das grandes cidades brasileiras do uso residencial para os setores comercial e de prestação de serviços. Para tanto, os artigos destacam estudos de caso situados no Rio de Janeiro e em São Paulo. Um deles, resultante de tese de doutorado defendida na COPPE-UFRJ, desafia a APO “clássica” ao trazer para o centro da polêmica metodológica o potencial de emprego da Lógica *Fuzzy*. O outro, resultante de dissertação de mestrado na FAUUSP, demonstra as possibilidades da participação dos usuários nas decisões projetuais a serem tomadas para atender às demandas funcionais de uma grande empresa da mídia impressa.

Reis e Lay (UFRGS) realizaram uma ampla APO em 12 conjuntos habitacionais para população de baixa renda, caracterizados por blocos de apartamentos, sobrados e casas, localizadas na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPOA) e ocupadas nas décadas de 80 e 90. A análise comparativa entre projeto original e ocupação teve o enfoque do dimensionamento espacial, incluindo os espaços abertos privado e semi-público e os ambientes internos à habitação. Instrumentos como entrevistas e questionários para medir satisfação, foram aplicados e a análise incluiu a realização de testes estatísticos não-paramétricos, tais como os testes de variação Kruskal–Wallis e correlação Spearman. Levantamentos físicos relacionando o dimensionamento de mobiliário também foram realizados.

Lay e Reis (UFRGS) estendem o primeiro artigo e analisam os mesmos 12 conjuntos habitacionais situados na RMPOA em relação a espaços abertos coletivos: suas características físico-espaciais, de apropriação, grau de satisfação dos moradores com a aparência do conjunto habitacional e o impacto da qualidade ambiental na formação comunitária. Para tanto, aplicam a APO, adotando, conforme já mencionado, o instrumento questionário e técnicas estatísticas não-paramétricas e, numa segunda fase, a análise estatística e espacial através de um sistema de informações geográficas. O resultado mostra como os moradores vêm a reforçar ou a modificar positiva ou negativamente a definição físico original dos espaços, mas muitas vezes tendendo a prejudicar aspectos como legibilidade, segurança e orientação. Demonstram ainda, as relações entre níveis organizacionais da comunidade e a manutenção das áreas livres.

Rheingantz (UFRJ) aborda a utilização de um instrumento de avaliação qualitativa do desempenho dos edifícios de escritórios, o Modelo de Análise Hierárquico (MAH) com destaque para a teoria dos subconjuntos nebulosos (*fuzzy*) e de variáveis lingüísticas. Desta forma procura apresentar e descrever o MAH como um procedimento matricial que leva em conta a subjetividade ou a qualidade dos valores, quando se considera a opinião ou a satisfação de usuários no caso, por exemplo, de atributos de ambientes internos de edifícios de escritórios. De modo detalhado, descreve a lógica do MAH a partir do confronto entre a oferta e a demanda de um conjunto de atribuições prediais.

Andrade (FAUUSP) também destaca a aplicação da APO em ambientes de trabalho, analisando o caso da Editora Abril em São Paulo. Demonstra a aplicação da APO com ênfase nos aspectos funcionais, do mobiliário e de conforto ambiental, em 11 edifícios ocupados pela Empresa. Esta análise serviu como Avaliação Pré-Projeto (APP) para nortear a mudança para o Birmann 21, o que significou reunir grande parte dos setores das empresas num único edifício. Posteriormente, foi aplicada a APO no edifício Birmann 21, o que possibilitou confrontar os níveis de satisfação dos usuários deste com aqueles onze, mais antigos.

A APO incluiu entrevistas, vistorias, registros fotográficos, medições físicas e aplicações de questionários, destacando a importância da participação dos usuários no processo projetual. São apresentadas e comparadas a título de exemplo, resultados da APP com o da APO (Birmann 21), bem como discutidos aspectos metodológicos da pesquisa.

Finalmente, Vianna e Roméro (FAUUSP) abordam os aspectos de conforto ambiental (iluminação natural, insolação, conforto térmico, ventilação e acústica), via de regra muito pouco considerados desde o projeto até o desempenho do ambiente construído, em conjuntos habitacionais de interesse social. Apresentam um estudo de caso referencial, um conjunto habitacional típico das grandes cidades brasileiras: blocos de apartamento modelo H com 4 pavimentos, situado na cidade de São Paulo. Nesta APO, com ênfase no conforto, são definidos critérios de desempenho, efetivadas medições, aplicados questionário junto a moradores, tabulações cruzadas, diagnósticos e recomendações.

Nos cinco artigos, nota-se um evidente amadurecimento nos últimos 15 anos das pesquisas no que diz respeito aos procedimentos metodológicos de aplicação da APO e na obtenção de resultados capazes de auxiliar os agentes produtores e gerenciadores de ambientes construídos, que necessitam de instrumentos de controle de qualidade das distintas etapas do processo. Percebe-se preocupações com o tratamento estatístico de dados e com avanços desafiadores nesta área, como no caso da aplicação da Lógica *Fuzzy*. Ainda, foram discutidos aspectos que extrapolam a APO em si e a colocam no contexto do ciclo de vida do ambiente construído, reiterando a idéia de uma avaliação continuada de todas as etapas do processo de produção, uso, ocupação e manutenção do ambiente construído.

Carlos Torres Formoso

Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Editor da Revista Ambiente Construído

Sheila Walbe Ornstein

Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
Co-editora Convidada